

Luisa Massarani

Doutora na Área de Gestão, Educação e Difusão em Biociências. Docente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz.

**Ildeu de Castro
Moreira**

Doutor em física pela UFRJ. Docente do Instituto de Física e do programa de pós-graduação em história das ciências, ensino de física e história da física na UFRJ.

**Mariana Mello
Burlamaqui**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**José Reis e a ciência brasileira:
escritos nos jornais do Grupo
Folha (1947-1963)**

**José Reis and Brazilian science:
texts published by the
newspapers of the Folha
Group (1947-1963)**

**José Reis y la ciencia brasileña:
escritos en los diarios del Grupo
Folha (1947-1963)**

RESUMO*

O cientista José Reis (1907-2002) teve uma atuação de destaque no jornalismo e na divulgação científica no Brasil, além de ter desempenhado papel significativo na consolidação da ciência de nosso país. Neste artigo analisamos os textos que publicou nos jornais do Grupo Folha, especificamente relacionados com a temática “ciência brasileira”. O período investigado foi de 1947, quando começou a atuar nessa empresa jornalística, até 1963, ano que antecede o Golpe Militar de 1964. Os textos de Reis enfatizam temas de política científica, destacando, em vários de seus textos, o valor da ciência e do cientista e discutindo propostas para a organização e a institucionalização da ciência no Brasil.

Palavras-chave: Divulgação científica; História das ciências; José Reis; Cultura e ciência.

ABSTRACT

The scientist José Reis (1907-2002) had an outstanding performance in journalism and science communication in Brazil, and played a significant role in the consolidation of the science in our country. In this article we analyze his articles published in the newspapers of the *Grupo Folha*, specifically concerning to the Brazilian science. The researching period was from 1947, when he started working for this journalistic organization, to 1963, the year before the 1964 military coup. Reis texts emphasize science policy themes, highlighting in many of his articles the value of science and scientists, and discussing proposals for the organization and institutionalization of science in Brazil.

Keywords: Science communication; History of science; José Reis; Culture and science.

RESUMEN

El científico José Reis (1907-2002) tuvo una destacada actuación en el periodismo y en la comunicación de la ciencia en Brasil, además de haber jugado un papel importante en la consolidación de la ciencia del país. En este artículo, investigamos sus textos publicados en los periódicos del *Grupo Folha* que se refieren específicamente a la temática “ciencia brasileña”. El período investigado es de 1947, año en el que comenzó sus actividades en esta organización periodística, hasta 1963, un año antes del golpe militar de 1964. Reis enfatiza la política científica, subrayando en varios de sus textos el valor de la ciencia y de los científicos, y discute propuestas para la organización e institucionalización de la ciencia en Brasil.

Palabras clave: Divulgación de la ciencia; historia de la ciencia; José Reis; Cultura y ciencia.

* Este projeto conta com apoio do CNPq (400231/2015-8). Agradecemos ao então Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (agora Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações), em particular a Douglas Falcão, pelo apoio ao Acervo José Reis, atualmente localizado na Casa de Oswaldo Cruz, projeto ao qual este estudo está vinculado. Agradecemos, também, à *Folha de S. Paulo* e especialmente a Marcelo Leite, Cipriano Pombo e Luiz Carlos Ferreira, por nos ter recebido no acervo do jornal e cedido o material para análise. Por fim, mas não menos importante, agradecemos à Família José Reis por ceder o acervo, em particular ao filho Marcos e ao neto Ricardo.

Submissão: 25-2-2016

Decisão editorial: 29-6-2017

Introdução

José Reis começou a escrever sobre ciência no jornal *Folha da Manhã*, em 1947, no período pós-Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, o movimento pela organização das ciências tomou grande impulso em diversos países nesse período, em função deste conflito mundial, pois conhecimentos científicos de inúmeras áreas, desde a física e a economia, até a biologia e a administração, foram aplicados em proporções jamais vistas para fins militares (FOLHA DA MANHÃ, 1947).

No Brasil, esse momento está correlacionado com o término do período conhecido como Estado Novo, de 1937 a 1945 (REPENSANDO O ESTADO NOVO, 1999). Com a volta da democracia, a censura e o controle exercido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) tiveram seu fim e a liberdade de imprensa foi restabelecida. Nas duas décadas que se seguiram, o cenário foi marcado pela perspectiva do desenvolvimentismo nacional na vida econômica e pelo crescimento das reivindicações pelas reformas de base, por parte de setores sociais organizados, na arena social e política.

No período considerado, a divulgação científica teve como pano de fundo um movimento cujo objetivo era constituir a coletividade científica como um

grupo social e político, além de promover o convencimento da sociedade e do poder público sobre a utilidade social da ciência (MENDES, 2006). Foi uma época em que a comunidade científica brasileira organizou-se para criar entidades e instituições que lhe dessem voz e atuação junto à sociedade e que possibilitassem melhores condições de trabalho para os "homens" da ciência – a exemplo do movimento inicial que ocorrera na década de 1920 (MASSARANI, 1998). De acordo com Simon Schwartzman, "o primeiro passo para organizar e mobilizar os cientistas foi a criação, em 1948, da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC)" (SCHWARTZMAN, 2001, p. 5).

É neste momento que surgiram várias instituições de pesquisa e foram criadas as agências de fomento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); o país passou a ter instrumentos para dar início a uma política científica de caráter nacional, mesmo que em caráter incipiente.

José Reis (1907-2002), médico, pesquisador e divulgador científico, estava inserido nesse contexto, no qual a atividade de divulgação era realizada, em grande parte, pelos próprios cientistas e destinava-se, em grande medida, às elites políticas e intelectuais. Nascido no Rio de Janeiro, foi aluno do Colégio Pedro II (1920-1924) e cursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1925-1929), com uma especialização no Instituto Oswaldo Cruz. Em 1929, foi convidado para trabalhar como bacteriologista no Instituto Biológico de São Paulo. Em 1935, obteve uma bolsa para trabalhar, por um ano, no laboratório do professor Thomas M. Rivera, do Instituto Rockefeller.

Desde a década de 1940, Reis realizou atividades de divulgação científica, que se estenderam por mais de cinco décadas, por meio de distintas ferramentas (GIACHETI, 2003, p.4).

Em 1947, começou a colaborar com a *Folha da Manhã*, a convite de José Nabantino Ramos, diretor editorial e um de seus proprietários, que queria uma pessoa que escrevesse sobre administração. Em 1948, Ramos propôs que Reis fosse o responsável pela seção de ciências. (REIS; GONÇALVES, 2000). Posteriormente, foi diretor de redação do jornal *Folha de S. Paulo*, de 1962 a 1967. Permaneceu como colaborador na *Folha de S. Paulo* até a sua morte, aos 94 anos, no dia 17 de maio de 2002. Uma das preocupações centrais de sua atuação foi a busca de legitimação para a ciência e o apoio da sociedade e do poder público para a realização da prática científica (WELTMAN, 2008).

A escolha por analisar parte da obra de Reis em jornais justifica-se por ele ter sido um personagem de destaque na construção da ciência brasileira e na divulgação científica no país. Um reconhecimento claro deste seu papel na divulgação científica expressa-se no fato de o prêmio nacional na área, concedido pelo CNPq e criado em 1978, ter recebido o seu nome. Por suas ações diversas nessa área foi agraciado com o Prêmio Kalinga (1974), concedido pela UNESCO, o prêmio Governador do Estado de jornalismo científico (1962) e o Prêmio John R. Retimyer, concedido pela Sociedade Interamericana de Imprensa e pela União Panamericana de Imprensa (1964) (MENDES, 2006). Por outro lado, Reis teve participação ativa na mobilização da comunidade científica naquele período, sendo um dos fundadores da SBPC, membro da comissão que redigiu seus

estatutos, secretário-geral de sua primeira diretoria e, desde o início, editor de sua revista *Ciência e Cultura*. Além disso, apoiou com intensidade a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 1951) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, 1960). Nossa expectativa é que a análise dos muitos textos de Reis, certamente um dos autores mais prolíficos sobre ciência no país, possa contribuir para um entendimento mais aprofundado da divulgação científica nessa época e de suas relações com a organização da ciência e dos cientistas.

1. Metodologia

A opção por analisar os textos de Reis nos jornais do Grupo Folha ocorreu em função do longo período (1947-2002) em que ele atuou e que se traduziu em um grande número de publicações nesses jornais. A história do Grupo Folha iniciou-se com a fundação do jornal *Folha da Noite*, no ano de 1921. Em 1925, foi criada a *Folha da Manhã*. A *Folha da Tarde* foi fundada em 1949. Em 1960, os três títulos da empresa se fundiram, dando origem à *Folha de S. Paulo* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015) um dos mais importantes e influentes jornais do país, sendo um dos que possui maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015).

Investigamos aqui os textos escritos por Reis, entre 1947, ano em que começou a escrever para a *Folha da Manhã*, até o ano de 1963, quando o cenário nacional se modificou em um processo político que culminou no Golpe de 1964 e na instauração de uma ditadura militar no país. Fizemos, inicialmente, um levantamento dos textos no acervo físico do Grupo

Folha. Analisamos todos os catálogos e as fichas da instituição por inspeção visual e incluímos no *corpus* todas as matérias que se relacionavam com a temática “ciência brasileira”, com atenção especial para os textos que se referiam à política científica. No total, foram encontrados 52 textos no período, 27 da *Folha da Manhã*, sete da *Folha da Noite* e 18 da *Folha de S. Paulo*.

Para análise dos textos, utilizamos uma abordagem que tem elementos quantitativos conjugados com análise qualitativa, a exemplo dos estudos que vêm sendo realizados no âmbito do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida, no qual este estudo se insere. As matérias foram submetidas a uma análise de conteúdo tendo como partida o protocolo desenvolvido no âmbito da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico (RAMALHO, 2012), que reúne diversas variáveis. A partir desse protocolo, os dados foram registrados em Excell, processados pelo software *IBM SPSS Statistics* e os resultados foram analisados de maneira qualitativa.

2. Resultados

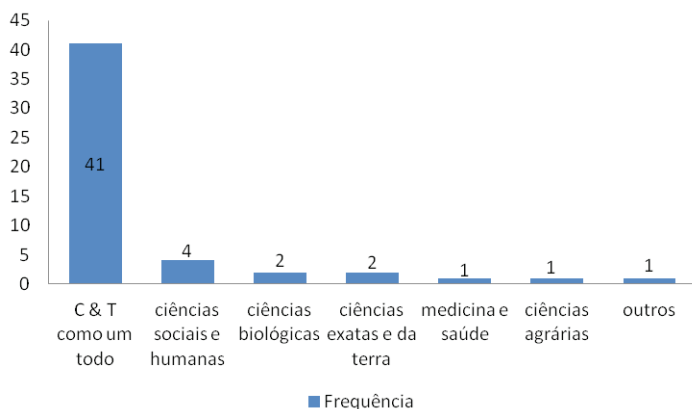
2.1 No Mundo da Ciência

Pouco depois de Reis começar a escrever para o Grupo Folha, foi criada a coluna “No Mundo da Ciência”, publicada pela primeira vez em 1º de fevereiro de 1948, na última parte da *Folha da Manhã*, de caráter dominical. Ela foi depois mantida na *Folha de S. Paulo*. A coluna não tinha um tamanho fixo e sofreu transformações no nome, acabou virando apenas “Ci-

ência” e depois “Periscópio” (REIS; GONÇALVES, 2000). No entanto, a coluna respondeu por apenas sete dos 52 textos relativos à ciência brasileira no nosso período de análise. Alguns dos textos incluídos em nosso *corpus* integravam outras colunas, como “A ciência, dia a dia...” (10 matérias), de caráter diário, que durou de 1949 a 1951. Outros textos não faziam parte de coluna específica. As matérias não tinham dia da semana fixo para serem publicadas, mas, o domingo concentrou o maior número delas (21 matérias).

Do total de 52 matérias publicadas no período analisado, 41 referiam-se a “ciência e tecnologia como um todo”, que inclui notícias que não se referiam a um campo particular das ciências, como ciências exatas, biológicas, medicina ou engenharia, mas, incluíam questões gerais, como política científica. Isto reflete a perspectiva de Reis, nestes textos, de discutir as questões referentes à ciência e sua organização de um modo mais geral e menos conectado com interesses específicos das diversas áreas.

Gráfico 1 – Áreas de conhecimento

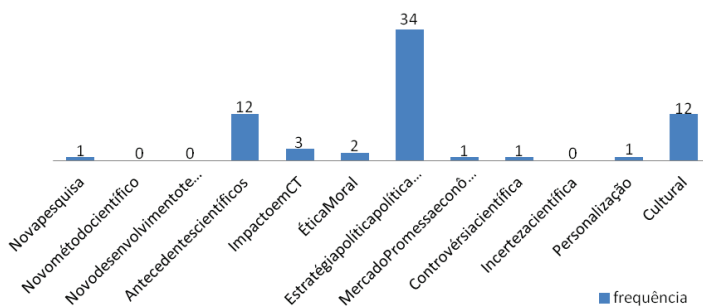


Número de textos distribuídos por área de conhecimento (n = 52)

Fonte: Autora (2017)

A preocupação de Reis por temas de política científica em seus textos é clara. Evidência disso foi observada por uma das categorias adotadas para análise, o enquadramento (*frame*), que é a ideia central (ou ideias centrais) do texto; o enfoque aqui é o aspecto da “moldura” do texto (RAMALHO, 2012). O *frame* mais frequente em nossa amostra foi o de “estratégias políticas, ação política ou deliberações políticas de personalidades políticas, nas administrações presidenciais, membros do Congresso, outros órgãos do governo federal ou estadual, agências do governo e pressão de grupos de interesse”, no qual se inseriram 34 dos 52 textos.

Gráfico – Enquadramentos (*frames*)



Número de textos distribuídos por enquadramentos (*frames*)

Fonte: Autora (2017)

Nos títulos dos textos também é evidente a preocupação de Reis com o amparo e a valorização da pesquisa científica. Nesse sentido, são recorrentes “Conselho de Pesquisas Científicas”, “O Valor da Pesquisa Científica”, “Organização para a Ciência”, “Organização para a Ciência II”, “Objetivos de uma organização de amparo à ciência”, “Estrutura de uma

organização de amparo à ciência", "Estudo dos projetos de lei de amparo à ciência", entre outros.

A seguir, analisaremos os textos de Reis sobre essa temática, em especial aqueles relativos à criação de um conselho de pesquisas científicas e de uma fundação de amparo às ciências, além de destacarmos as matérias sobre a necessidade da valorização da carreira científica.

2.2 O Valor da Ciência

Uma das grandes questões nos textos sobre ciência brasileira de Reis analisados nesse período é a valorização da carreira científica no país. Ilustrativo disso é o fato de que, dos 52 textos analisados, nove tiveram essa temática como a principal e outros 32 incluíram essa questão em seu conteúdo. Em textos que abordavam questões como a necessidade de um conselho de pesquisa científica, a importância da atividade dos técnicos, a organização científica, os projetos de amparo às ciências, a luta para conservação dos institutos, burocracia, o vencimento dos cientistas, o financiamento da ciência, dentre outras, Reis ressaltava também a importância de valorizar-se a carreira científica no país.

Segundo Reis, a falta de consciência da sociedade e dos governos sobre a importância da ciência e da atividade científica para o desenvolvimento da nação era a raiz dos problemas enfrentados pela comunidade científica brasileira, ficando "sempre deficiente a nossa organização científica geral" (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4). Reis utilizava o termo "incompreensão científica" para explicitar essa falta de consciência da função e da importância da ciência como alicerce no desenvolvimento do país. Outro problema

seria a visão caricata e generalizada da sociedade sobre o que seria ciência (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4). Reis criticava também aqueles que viam na atividade científica um desperdício de dinheiro.

Reis criticou a visão de certos grupos profissionais que buscavam financiamentos e benefícios alegando que sua pesquisa ou atividade seria de interesse prático imediato, prejudicando outros núcleos científicos que não teriam as "mesmas oportunidades de tornar compreendida a importância das suas atividades, as quais, entretanto, muitas vezes representam um dos alicerces mais sólidos do bem comum" (FOLHA DA MANHÃ, 1948, p. 4).

Para Reis, as dificuldades para desenvolver-se uma cultura científica no país provinham do fato das tradições brasileiras serem eminentemente literárias. A incompreensão da prática científica seria parte da realidade brasileira entre o público não especializado, mas também entre "determinados círculos que às vezes comandavam os destinos da comunidade" (FOLHA DA MANHÃ, 1954). Essa questão seria um grande problema e teria causado crises nos institutos científicos,

seja pela grosseira interferência em sua vida (extinção de serviços, mutilações, reformas insinceras), seja por meios mais sutis, através da infiltração da burocracia, do desinteresse pelos problemas de seleção, pela negação de verbas para trabalhos que não sejam "produtivos", isto é, capazes de render imediatos juros (FOLHA DA MANHÃ, 1954)

Esse esquecimento e desvalorização do cientista contrastavam com a valorização das profissões liberais, segundo Reis, resquícios de um passado no

qual os homens ditos cultos se formavam apenas em duas ou três escolas profissionais. Esse cenário, para ele, teria levado muitos pesquisadores a trabalharem na administração pública em atividade que não a de cientista. A baixa remuneração fazia com que tivessem outro emprego, transformando a atividade científica em uma atividade colateral (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 8).

Reis buscou mostrar a relação entre o apoio financeiro à pesquisa científica e a excelência dos resultados produzidos por ela. Procurou mostrar a importância de o Brasil ter uma organização maior da sua comunidade científica para ter-se uma atividade mais eficiente, pois, apesar de ter pessoal qualificado, alguns problemas dificultavam a produção científica. A falta de recursos é um dos aspectos apontados por Reis como parte da realidade dos cientistas brasileiros (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4).

Como exemplo da desvalorização do cientista na política nacional (FOLHA DA MANHÃ, 1948, p. 4), Reis citou o caso dos êxitos do jovem Cesar Lattes¹ que, com apenas 23 anos, destacava-se no exterior no terreno da física atômica. Ressaltava que este não era um fato único no Brasil, pois os institutos de pesquisas tinham pessoal qualificado que produzia obras científicas valorizadas no exterior, embora continuassem esquecidas no país.

Outro problema que abordou era a luta permanente para a implantação e conservação dos insti-

¹ César Lattes (1924-2005), físico curitibano, graduado pela Universidade de São Paulo. Dedicou-se aos estudos da física atômica e aos 23 anos, comprovou a existência do méson-pi. Participou da fundação do CBPF (1949); da criação do CNPq (1951); dentre inúmeras outras contribuições (BARATA; NATERCIA, 2005).

tutos de pesquisa. Reis afirmou que era necessário utilizar com frequência uma estratégia de atribuir-lhes "supostas finalidades práticas" (FOLHA DA MANHÃ, 1954) para que esses institutos tivessem maior atenção e conseguissem o apoio necessário.

2.3 O Amparo à Pesquisa

Como mencionado anteriormente, a bandeira levantada por Reis sobre a necessidade de valorização da atividade científica era nítida em seus textos. Mas, era preciso criar também uma infraestrutura institucional de amparo à pesquisa, tema que estava em debate no cenário nacional. Entre os assuntos mais debatidos, naquele momento, pela elite acadêmica e científica estavam: criação de um conselho de pesquisas científicas, a estruturação do financiamento e a coordenação e gerenciamento das atividades científicas. Em particular, Reis discutiu com intensidade a ideia de criação de um conselho de pesquisa científica, de um conselho de orientação científica e de uma fundação de amparo às ciências, neste caso para o Estado de São Paulo, os quais serão discutidos a seguir.

2.3.1 Criação de um conselho de pesquisa científica

Foi publicada em 26 de abril de 1947, na *Folha da Manhã*, uma súmula de um projeto de Constituição do Estado de São Paulo que fazia referência à criação de um Conselho de Pesquisas Científicas, autônomo e com dotações próprias. Reis afirmou que essa intenção de criação de um conselho já tinha sido exposta, por ele mesmo, em artigos publicados pela revista *Administração Pública*. Dando continui-

dade a essa campanha, Reis publicou artigo no qual explicitou que esse Conselho deveria ser:

...capaz de colocar os nossos grupos de cientistas, assim como a escolha de seus diretores e a distribuição de seus eruditos, fora de indesejáveis interferências políticas ou não científicas, assegurando aos programas de pesquisa especiais facilidades de realização e coordenação, presidindo à distribuição de bolsas de estudo, patrocinando viagens ao estrangeiro e promovendo, de forma sistemática, o intercâmbio entre as instituições de São Paulo com as demais do país e do estrangeiro (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4).

Nesse artigo, Reis fez outras observações sobre a criação desse conselho. Ele não era a favor de um Conselho completamente autônomo, visto que acreditava que isto aumentaria as dificuldades dos cientistas, pois, de acordo com ele, "entrariam em jogo aquelas malsinadas vantagens da ciência, buscadas por certos sibaritas² (...) que conseguem fazer-se passar por cientistas" (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4). Para ele, o conselho deveria ter todos os seus componentes reconhecidos ou como pesquisadores, "devotados e eminentes" e os que não o fossem, deveriam ser "espíritos altamente compreensivos e de grande cultura e experiência" (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4). Reis se preocupava com a má orientação e administração desses conselhos, pois a atividade científica no Brasil funcionava em diversos setores em "regime evidente de desperdício" (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4).

Algumas dificuldades precisariam ser enfrentadas pela comunidade científica para a criação desse conselho. Um dos pontos referia-se às diversas visões sobre

² Pessoa que tem essa propensão ao luxo e aos prazeres. Disponível em: < www.michaelis.uol.com.br >. Acesso em: 23 dez. 2015.

a ciência. Para ele, algumas delas seriam distorcidas e caricatas, mas se espraiavam pela sociedade em geral e, com isso, a ciência perdia apoio e legitimidade. Outro problema mencionado era que os centros científicos deveriam atuar de forma integrada, mas a realidade era muito diversa e estavam dispersos. Além disso, a finalidade desses centros deveria ser a de atender aos interesses gerais da pesquisa científica, sendo a preocupação principal a qualidade do trabalho científico, e não o “pedigree” dos cientistas, na expressão do próprio Reis (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4).

Outra de suas preocupações com o conselho referia-se à composição e à legitimidade desse órgão. Ele deveria ter a participação de representantes de cientistas e instituições que estavam envolvidas diretamente no fazer científico, mas, também, deveria ter a presença de cidadãos eminentes que representassem a sociedade mais ampla. Afirmou que o Conselho deveria refletir:

...os ideais de todos os dedicados à pesquisa científica verdadeira. Assim sendo, se ele houvesse de reunir representantes de cientistas ou instituições científicas, estes deveriam abranger, sem predomínio de nenhum grupo, delegados da Universidade, dos seus institutos complementares e de outras instituições públicas e particulares, onde se realize a legítima pesquisa científica, não podendo dispensar, entretanto, a participação de cidadãos eminentes sem ligação de dependência com os demais representantes (FOLHA DA MANHÃ, 1947, p. 4).

A finalidade do Conselho seria atender os interesses da ciência como um todo, sem predomínio de grupos e não se limitando às demandas específicas de instituições ou de agrupamentos determinados.

2.3.2 Conselho de Orientação Científica

Em 1948, o deputado Ernesto Pereira Lopes apresentou à Assembleia Legislativa de São Paulo o projeto de lei 20.437 sobre criação de um Conselho de Orientação Científica no âmbito daquele estado (CONSELHO DE ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA, 2016). Em 1948, Reis publicou um artigo sobre essa questão (FOLHA DE NOITE, 1948, p. 4). De acordo com ele, o Conselho teria como objetivo, dentre outros, preservar e proteger a vida dos institutos de pesquisa que estariam alheios à administração da universidade.

Quanto à criação desse conselho, uma de suas preocupações referia-se às indicações dos diretores para os institutos e a realização de processos administrativos, que também deveriam ser de sua responsabilidade. Essa era uma das questões recorrentes em seus textos, pois acreditava que nos conselhos haveria pessoas comprometidas com a ciência, ou seja, suas escolhas não teriam um viés de interesse pessoal. A seleção do diretor e de todos os membros dos institutos deveria ser realizada por um conselho que possuísse relação com as ciências. Do contrário, alguns pontos, para Reis, “passariam despercebidos aos olhos do administrador comum, demasiadamente preocupado com determinadas fórmulas simplistas, colhidas em manuais, quando não em almanaques” (FOLHA DE NOITE, 1948, p. 4). Outra função importante dos conselhos seria a de apurar irregularidades de ordem técnica e científica, já que muitas das comissões eram puramente administrativas e não tinham conhecimentos sobre os problemas técnicos e éticos específicos das carreiras científicas, dificultando o desenvolvimento das pesquisas.

O que se percebe nas matérias é a expectativa existente quanto à criação de um conselho científico

que agradasse tanto à comunidade científica quanto aos governantes. Percebe-se uma grande preocupação com o que estava sendo proposto, para que a proposta fosse viável e adequada à realidade da comunidade científica da qual ele fazia parte. Reis buscava em seus textos atrair e conquistar adeptos para a sua causa, mostrando a importância desse tipo de conselho para a sociedade e para a pesquisa científica.

2.3.3 Fundação de Amparo às Ciências

Estavam em discussão, na Assembleia Legislativa de São Paulo, dois projetos de lei relativos à criação de uma fundação que deveria administrar os fundos que a Constituição Estadual destinava às ciências. Um projeto havia sido proposto pelo deputado Caio Prado Júnior e outro era de autoria do deputado Lincoln Feliciano (FOLHA DE MANHÃ, 1947, p. 4). O projeto de lei 248/47, do deputado Caio Prado Júnior, visava à regulamentação do artigo 123 da Constituição Estadual de 1947, que determinava a criação da Fapesp. O artigo 123 estabelecia que o apoio à pesquisa científica fosse feito por uma fundação cuja estrutura deveria ser estabelecida por lei³:

Artigo 123. O amparo à pesquisa científica será propiciado pelo Estado, por intermédio de uma fundação organizada em moldes que forem estabelecidos por lei. Parágrafo único. Anualmente, o Estado atribuirá a essa fundação, como renda de sua privativa administração, quantia não inferior a meio por cento do total de sua receita ordinária. (FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010)

³ Para maiores detalhes, ver MENDES, 2006, p. 160.

Reis criticou ambos os projetos e os considerou vagos. Constatou que ambos se perdiam em detalhes sobre o processamento burocrático dos auxílios, ponto que deveria ficar definido nos regulamentos e regimentos (FOLHA DA MANHÃ, 1948, p. 4). Também foi contra a proposta dos projetos de realizar conselhos gerais. Para ele, o conselho, como estava sendo proposto, seria algo muito grande, com a preocupação de representar cada especialidade. Porém, estas poderiam ser melhores representadas em conselhos múltiplos, de finalidades exclusivamente técnicas. Também deveriam ser claramente separados, de modo que os de ciências fundamentais não fossem os mesmos que os de ciências aplicadas. Para ele, dizer que a fundação teria um conselho geral, um administrador e um conselho fiscal não seriam suficientes, pois o que importava seria regular a maneira pela qual esses conselhos deveriam ser formados (FOLHA DA MANHÃ, 1948, p. 4). Para Reis, esses projetos reproduziam apenas as palavras do artigo constitucional. Considerava que o projeto de Feliciano interpretava melhor o dispositivo constitucional porque não criava na lei um órgão a ser regido pela legislação própria das entidades privadas, como ocorria no projeto de Caio Prado.

Sobre o projeto do deputado Feliciano, Reis criticou a possibilidade de criação de serviços próprios de pesquisa, pois “poderia levar a uma série de inúteis duplicações de serviços e a uma preocupação monumental de construir edifícios para abrigar núcleos nem sempre razoáveis de pesquisa” (FOLHA DA MANHÃ, 1948, p. 4). Para Reis, a Fundação deveria ter como finalidade coordenar o trabalho bibliográfico, manter serviço de biblioteca e filmes, publicar índices

periódicos de trabalhos nacionais sobre ramos diversos das ciências, editar e patrocinar uma revista geral de informações científicas. Ele buscou mostrar que a pesquisa não deveria ficar restrita única e exclusivamente à universidade, e que a fundação não deveria se limitar a esta. Por isso, o órgão não poderia ser subordinado a uma instituição, mas teria de ser livre em sua ação e em sua política, conhecendo apenas as limitações da lei.

Em 1949, o projeto ainda se encontrava parado na Assembleia, apesar de outras disposições transitórias da Constituição, que continham favores de ordem pessoal, já terem sido regulamentadas e mandadas à sanção governamental. Reis afirmou, então, que pessoas eram favorecidas devido aos contatos que possuíam na Assembleia, ou seja, havia uma postura de parcialidade no momento das regulamentações dos projetos. Reis cobrou da Assembleia a correção desse “esquecimento” no menor prazo possível, pois dever-se-ia tomar consciência que a soberania do país dependia do desenvolvimento de seu potencial científico e técnico (FOLHA DA NOITE, 1949, p. 4)

No ano de 1951, Reis tratou novamente da questão dos projetos iniciais dos deputados Caio Prado Junior e Lincoln Feliciano, que teriam caído no esquecimento. Para dissimular o fato de esses projetos terem sido colocados de lado e esquecidos, um novo projeto governamental teria sido proposto:

não bem justificado e imperfeito, que mal disfarçava o que parecia ser seu propósito fundamental, o de transformar a fundação, que devia ser livre para agir em benefício da Ciência, numa espécie de quintal da administração (FOLHA DA NOITE, 1951, p. 4).

Para Reis, esse esquecimento era consequência de um desinteresse das partes responsáveis, tanto dos legisladores, quanto do executivo.

Mesmo com a mobilização da comunidade científica, o projeto de criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2010) só foi retomado em 1959. O decreto para a sua criação foi efetivamente assinado em 1960 e ela começou a funcionar apenas em 1962. Para Reis, o descaso das autoridades em estabelecer a Fundação de Amparo à Pesquisa, apesar dos pedidos e reclamações de cientistas, da sociedade e da imprensa, seria outro reflexo dessa incompreensão científica em nossa sociedade (FOLHA DA MANHÃ, 1954).

Considerações Finais

Este estudo procurou mapear os textos de José Reis sobre a ciência brasileira que foram publicados nos jornais *do Grupo Folha*, no período entre 1947 e 1963. Reis escrevia sobre temas diversos das ciências, além de destacar as ações e os debates que estavam circulando no meio científico brasileiro e internacional.

O discurso presente nos textos analisados, sobre o amparo e a valorização da ciência e da atividade científica no país, não se restringia aos jornais, como podemos perceber no papel chave que assumiu na criação e consolidação da SBPC, do CNPq e da Fapesp. Em sua posição expressa nos jornais, Reis representava a voz de uma parcela significativa de cientistas da época que lutava pela valorização da ciência, por sua inserção institucional e pelo aprimoramento das pesquisas científicas no país.

Reis via os cientistas na posição de responsáveis pela organização e melhoria da atividade científica, e

expressou sua crença em uma ciência verdadeira, em oposição a uma ciência falsa. Utilizou algumas vezes o termo “verdadeiro cientista”, embora sem explicar em que sentido o utilizava exatamente. Ele ressaltou que os representantes das instituições científicas deveriam ter qualidades próprias de um “verdadeiro cientista”. Eles deveriam ser indicados pelos seus próprios pares; mas, além disso, deveriam ser possuidores de determinadas qualidades. Reis destacou que graças aos homens considerados por ele como “superiores” (FOLHA DA MANHÃ, 1954) e que atuavam na pesquisa científica, a ciência progredia sensivelmente, apesar de todas as dificuldades encontradas.

Reis via a ciência como uma atividade coletiva. Em 44 dos 52 textos analisados nesse período encontramos alguma referência ao trabalho conjunto, desmistificando a visão do cientista isolado em seu laboratório, sem relação com a sociedade, e com seu interesse voltado apenas para grandes descobertas. No contexto de Reis, os cientistas querem e precisam do apoio da sociedade e dos governos para legitimar sua prática científica e conseguir melhorias e recursos.

A atividade de divulgação de Reis se encaixou como uma via de comunicação para familiarizar o público com a ciência, seus atores e suas aplicações e possibilitar a valorização social desta atividade. Para ele, muitas pessoas ainda tinham dificuldade em perceber a utilidade e o sentido do trabalho dos pesquisadores, dificultando a legitimação e o apoio da ciência no país. Ele vislumbrava na divulgação científica uma das saídas para o fim dessa “incompreensão científica”, que, para ele, era um dos problemas da ciência brasileira e um dos empecilhos para que o seu ideal modernizador fosse alcançado.

A leitura e a análise das publicações de Reis nos fornecem um panorama dos debates e ações dos cientistas mais atuantes de sua época. Os textos contribuem, ainda, para a construção do cenário de ações, embates e crenças que ocorreram no período em questão, a partir do ponto de vista de um militante das causas científicas. Por meio deles, podemos adquirir uma visão pouco mais nítida das relações estabelecidas, ou que se pretendia estabelecer, entre os cientistas, os governantes e a sociedade.

Referências

BARATA, Germana; NATERCIA, Flávia. CÉSAR LATTES: vida dedicada à física e ao conhecimento. **Cienc. Cult.**, ,v. 57, n. 3, Set. 2005.

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA. **Cienc. Cult.**, vol.62, n.1, p. 45, 2010. Disponível em:<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000500016&lng=pt&nrm=i so>. Acesso em: 31 Jan. 2016.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 02 dez. 1947.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 06 jan. 1948.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 11 nov. 1947.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 14 jan. 1948.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 17 maio. 1947.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 20 mar. 1948.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 23 dez. 1947.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 24 jan. 1954.

FOLHA DA NOITE, São Paulo, 03 abr. 1951.

FOLHA DA NOITE, São Paulo, 06 dez. 1948.

FOLHA DA NOITE, São Paulo, 13 jan. 1949.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Circulação:** o maior jornal brasileiro. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 01 agosto de 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **História da Folha.** 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em: 29 set. 2015.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. O Artigo 123 da Constituição de 1947. 2010. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/linha-do-tempo/212/artigo-123-constituicao-1947/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

GIACHETI, Linair de Jesus Martins. **José Reis: A ciência que fala.** 147 p. 147p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MASSARANI L. A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20. Rio de Janeiro: IBICT-ECO/UFRJ, 1998.
MENDES, Marta Ferreira Abdala. **Uma perspectiva histórica da divulgação científica:** a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958). 256p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

RAMALHO, M. et al. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas. In: MASSARANI, L.; RAMALHO, M. (Eds.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico** - a experiência de uma rede ibero-americana. Rio de Janeiro: Museu da Vida; Quito: Ciespal; Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2012.

REIS, J. ; GONÇALVES, N. Veículos de Divulgação Científica. In: KREINZ, G. ; PAVAN, C. **Os donos da paisagem.** São Paulo: NJR/ECA/USP, 2000.

REPENSANDO O ESTADO NOVO. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999. Disponível em: < http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

REPENSANDO O ESTADO NOVO. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999. Disponível em: < http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: MCT/CET, 2001.

WELTMAN, Wanda Latmann. **A Educação do Jeca**: Ciência, Divulgação Científica e Agropecuária na Revista Chácaras e Quintais (1909-1948). 243p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

Luisa Massarani

Doutora na Área de Gestão, Educação e Difusão em Biociências. Docente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde.

Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Divulgação do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz.

Ccoordenadora do Mestrado em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde e docente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, ambos da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2675160937325484>

Ildeu de Castro Moreira

Doutor em física pela UFRJ.

Docente do Instituto de Física e do programa de pós-graduação em história das ciências, ensino de física e história da física na UFRJ.

Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE/UFRJ e do Instituto de Física/UFRJ.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6828550034661765>

Mariana Mello Burlamaqui

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7733099632002551>